

Um Museu para todos: Manual para programas de acessibilidade

Eduardo Cristiano Hass da Silva*



SALASAR, Desireé Nobre. *Um Museu para todos: manual para programas de acessibilidade*. Editora da UFPel, Pelotas, 2019.

Sem ter a intenção de esgotar o assunto ou apresentar uma “receita” a ser copiada, Desireé Nobre Salasar apresenta um manual que oferece elementos para pensarmos o lugar da acessibilidade nos museus brasileiros, especialmente no plano museológico e no trabalho prático destas instituições. A autora é doutoranda em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT-Portugal) e Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sendo mestra neste mesmo programa.

A obra é composta por 10 capítulos divididos em 64 páginas, desencadeando uma narrativa que parte da apresentação de alguns conceitos fundamentais¹, discute o Programa de Acessibilidade em Museus, o Plano de Evacuação emergencial para pessoas com deficiência, apresenta as dimensões da acessibilidade, bem como

* Professor do Curso de Turismo da Faculdade de Engenharia, Letras e Ciências Sociais do Seridó (FELCS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa "Sociedade Ciência e Arte" e, graduado em História (Licenciatura e Bacharelado) na mesma instituição. E-mail: eduardohass.he@gmail.com

¹ Dentre os conceitos analisados, destaca-se o de pessoa com deficiência. Recorrendo à História, às pesquisas sobre o tema e à legislação brasileira, a autora demonstra de forma sistemática a importância de evitarmos outros termos, favorecendo este. Salasar (2019), na sua reflexão, demonstra que este termo é preferível ao não centrar na deficiência, mas sim na pessoa. Desta forma, sujeito não é visto a partir da deficiência, mas a deficiência entendida como apenas mais uma das características do sujeito.

recursos e tecnologias assistidas. A discussão encerra com a exposição de alguns exemplos de atividades que podem ser desenvolvidas junto ao setor educativo dos museus e com um glossário, que pode ser consultado pelos leitores e leitoras ao longo da leitura.

De acordo com Francisca Ferreira Michelin (2019), responsável pela apresentação do livro, o texto aqui resenhado é o resultado do percurso da autora a partir de sua participação na Comissão de Apoio ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFPel (CONAI). A partir de uma solicitação da Comissão, as Pró-Reitorias começaram a fazer seus planos de Acessibilidade, que seriam aplicados com suas equipes. Em paralelo a estas questões, Salasar (2019) desenvolveu uma proposta de minicurso sobre acessibilidade para os integrantes da Rede de Museus. Da convergência destas atividades, emerge este livro, de significativa contribuição para a temática da acessibilidade em museus.

De forma geral, o livro atualiza discussões como as apresentadas em “Acessibilidade em Ambientes Culturais”, organizada por Eduardo Cardoso e Jeniffer Cuty (2012), bem como as dos Cadernos Museológicos - “Acessibilidade em Museus”, de Regina Cohen, Cristiane Duarte e Alice Brasileiro (2012). Para além de avançar nas discussões teóricas, o trabalho de Salasar (2019) se destaca por permitir a atuação prática de muitas das discussões que envolvem a problemática da acessibilidade nos museus.

A autora entende os museus como espaços nos quais a visão prevalece em relação aos demais sentidos, tornando-se assim espaços afeitos ao desafio para receber pessoas com deficiência visual. No entanto, para além desta deficiência, a autora aborda diversos outros tipos, os quais devem ser considerados tanto na elaboração de exposições quanto no plano museológico das instituições museológicas.

Ao longo da obra fica evidente a defesa de que as pessoas com deficiência devem ter as mesmas possibilidades de acesso que as demais, podendo vivenciar e usufruir dos museus. Dentro desta lógica, entende a acessibilidade e a inclusão como conceitos centrais que, embora distintos, não podem ser pensados em separado pelos museus.

Retomando Romeu Kazumi Sassaki (2009), entende a acessibilidade a partir de seis tipos: atitudinal, arquitetônica, comunicacional, instrumental, metodológica e programática. A autora articula estes diferentes tipos de acessibilidade ao Estatuto dos Museus (BRASIL, 2009), defendendo que os planos museológicos devam conter um

Programa específico para a acessibilidade ou, com uma discussão sobre a temática dispersa ao longo dos demais programas.

A autora destaca ainda a importância de se pensar um plano de evacuação de emergência para pessoas com deficiência. Entendendo o museu como responsável pela segurança do seu público, destaca que precisam estar preparados para situações de emergência, com seus profissionais treinados e para atender as pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

O centro da discussão encontra-se nas dimensões da acessibilidade, abordadas a partir do capítulo 5. A autora faz, na medida do possível, um cruzamento entre os diferentes tipos de acessibilidade anteriormente mencionados (atitudinal, arquitetônica, comunicacional, instrumental, metodológica e programática) e os diferentes tipos de deficiências (visual, surdez/deficiência auditiva, deficiência física/motora, deficiência intelectual).

Em relação à acessibilidade atitudinal, sua ausência é considerada uma das principais formas de exclusão. Na discussão deste tópico, Salasar (2019) contribui para que seus leitores e leitoras possam eliminar preconceitos, estigmas e pré-julgamentos. Faz uma apresentação precisa de cada uma das deficiências abordadas, mostrando a diversidade das pessoas com deficiência e a necessidade de as instituições museais atentarem para as particularidades dos sujeitos. De forma geral, este capítulo demonstra a importância do diálogo a ser estabelecido entre o mediador e/ou mediadora cultural e a pessoa que realiza a visita, buscando identificar as melhores formas de ajudar.

Ao longo do capítulo, as demais formas de acessibilidade vão sendo abordadas, ao mesmo tempo em que se apresentam possibilidades para cada tipo de deficiência. Observa-se ainda que, para além das formas de acessibilidade já citadas, no capítulo, a autora atenta para um outro tipo, que chama de acessibilidade na web.

A acessibilidade web é entendida como uma forma de garantir que os websites das instituições museais possam ser utilizados por qualquer pessoa. Dessa forma, propõem algumas estratégias, exemplificadas com exemplos. A autora atenta, inclusive, para as fontes e cores das fontes a serem utilizadas nos sites, demonstrando que alguns déficits não permitem que a pessoa se concentre perante algumas combinações de formatos.

O capítulo sete é voltado especificamente para os recursos de tecnologia assistida. Salasar (2019) defende que esses recursos são fundamentais para as pessoas com deficiência, mas que também traem benefícios para todos os públicos,

ampliando as possibilidades de experiências sensoriais. Assim como no capítulo anterior, recorre ao cruzamento entre os diferentes tipos de acessibilidade e as respectivas tecnologias assistidas.

Dentre os recursos de tecnologia assistida voltados para a acessibilidade arquitetônica, receberam especial atenção os pisos podotáteis; a necessidade de espaços de circulação amplos, com portas amplas que permitam a passagem de pessoas em cadeiras de rodas; corrimão em diferentes tamanhos; pisos com fitas antiderrapantes; banheiros adaptados, dentre outros.

Em relação aos recursos para acessibilidade atitudinal, a autora defende a necessidade de capacitação constante das equipes que compõem os museus, permitindo a atualização em relação à temática. Mais uma vez reforça que, a ausência de preocupações para este tipo de acessibilidade em especial é uma das maiores barreiras para a existência de museus para todos.

Os capítulos 8 e 9 apresentam, respectivamente, alguns recursos de tecnologia assistida e a uma discussão sobre acessibilidade a textos escritos. Estes capítulos demonstram a importância de o museu contar com audiodescrição, materiais em braile, LIBRAS e linguagens simples.

Para finalizar, o capítulo 10 apresenta algumas atividades que podem ser desenvolvidas no setor educativos dos museus, voltadas especificamente para a temática da acessibilidade. São propostas educativas que poderão ser desenvolvidas com diferentes grupos, em diferentes espaços dos museus.

Acredito que o livro aqui resenhado, conquista seus leitores e leitoras tanto pela temática e sua importância quanto pela forma como ambas são apresentadas.

Referências

BRASIL. *Lei nº 11.904*, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm.> Acesso em: 20 abr 2021.

CARDOSO, E.; CUTY, J. (Orgs.). *Acessibilidade em ambientes culturais*. Porto Alegre: Marca Visual, 2012.

COHEN, R.; DUARTE, C.; BRASILEIRO, A. *Acessibilidade a Museus* - Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus. Brasília, DF: MinC/Ibram, 2012.

MICHELON, F. F. Apresentação. In: SALASAR, D. N. *Um Museu para todos: manual para programas de acessibilidade*. Editora da UFPel, Pelotas, 2019.

SALASAR, D. N. *Um Museu para todos: manual para programas de acessibilidade*. Editora da UFPel, Pelotas, 2019.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. *Revista Nacional de Reabilitação (Reação)*. São Paulo, v. 12, p. 10 -16, mar./abr. 2009.

Data de recebimento: 21.04.2021

Data de aceite: 22.04.2021